

A provocação política encenada na obra de Christian Kracht

Die inszenierte politische Provokation im Werk Christian Krachts

The enacted political provocation at Christian Kracht's Work

Rosita Maria Schmitz¹

Palavras-chave: Christian Kracht; encenação do autor; provocação política

Schlüsselwörter: Christian Kracht; Autorinszenierung; politische Provokation

Keywords: Christian Kracht; self-enactment; political provocation

As narrativas do autor suíço Christian Kracht, de leitura aparentemente fácil, apresentam um mundo paralelo, expresso através de temas centrais como guerra e terrorismo, totalitarismos, utopias, simulação, imitação e um sistema emaranhado de referências, que, invariavelmente, têm a História da Alemanha como pano de fundo. Para analisar sua obra, é imprescindível considerar a figura do autor, que permanece um mistério para a crítica e especialistas em Literatura. A presença de elementos supostamente autobiográficos de Kracht, atribuídos à relação ambígua entre os protagonistas dos livros e seu próprio autor, pode levar a alguns equívocos. Além disso, o autor joga com provocações e com o politicamente incorreto,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras PPG – UFRGS. E-mail: rositams@hotmail.com

assumindo uma postura polêmica, que se expressa em colocações conscientemente irônicas em relação a discursos socialmente vistos como tabus.

Nas diversas formas em que se apresenta, sejam entrevistas, reportagens ou ensaios, há uma discrepância entre o que ele diz e aquilo que deve ser levado a sério, o que se pode entender como boicote de comunicação de Kracht ou como resposta irônica ao fato de que se apoia em uma ilusão aceita por todos. Para Matthias Lorenz (2014: 9), a estratégia de não se dar a conhecer, derrota, por antecipação, qualquer crítico ou teórico de literatura, pois a “ficcionalização de sua própria pessoa” (*Fiktionalisierung der eigenen Person*) é uma estratégia consciente de se furtrar à mídia: “Sua figura de autor comunica de forma assimétrica, através de suas poses ela nunca é apreensível e pode ininterruptamente dar a entender que tudo pode ser instantaneamente rompido, ser apenas citado e que não era *isso* que ele quis dizer” (LORENZ 2014: 9), desenvolvendo um jogo de referências na autoconstrução e desconstrução da figura do autor, deixando muitas vezes a dúvida se suas declarações são confissões, ironias ou provocações.

O autor Christian Kracht alcançou o sucesso relativamente jovem, tanto pelo valor literário inovador de suas obras, como graças a sua encenação. Através das estratégias de encenação empregadas pelo autor, ele cria em torno de si uma nuvem de incerteza, um vazio, não distinguindo claramente entre o que é jogo e o que é sério, tampouco posicionando-se em relação a discussões sobre assuntos da atualidade ou sobre valores éticos e morais. (LETTOW 2001: 299). Segundo Heger (2010: 175), o autor leva uma vida entre ser e parecer na autoprodução, nem sempre desprovida de ironia, utilizando uma reserva de sinais em um jogo com frases de efeito e vazios fingidos, subtraindo-se, com isso, a classificações, provocando conscientemente inúmeras formas de leitura.

Considerando que o artista não é identificado apenas por suas obras, mas também por suas aparições, que obedecem às regras de um jogo, adaptado ao contexto da época, e que as encenações, com frequência, se expandem para outras formas artísticas, observamos que Kracht utiliza a pose de dândi do século XIX, de um cosmopolita elegante e rico, expressando-se de maneira polida, usando roupas caras, o que evidencia que dispõe de dinheiro e de tempo, sem necessidade de trabalhar para viver e, portanto, não precisa fazer publicidade para suas obras. Kracht escolhe, conscientemente, a imagem a que o público tem acesso: “Eu disponibilizo para minha editora somente fotos de férias. Nelas se está bonito, magro, bronzeado”. (PHILIPPI/SCHMIDT 1999).

Em suas raras entrevistas, o autor deixa claro que sua riqueza lhe permite fazer viagens a lugares belos e distantes, tendo passado grande parte de sua vida na Ásia. As viagens e o ambiente exótico devem ser lidos como a busca pelo estranho e como jogo midiático, e significam material para escrever grande parte de suas obras, além de servirem como um suporte para a autoencenação. As narrativas Christian Kracht se relacionam entre si através de uma intertextualidade transparente, perpassados pela música, o nojo, a política, tematizando a Alemanha e o fascismo em todos os romances; o desaparecimento é recorrente nas obras do autor, assim como o pensamento colonial, que tem destaque em *Imperium*. Ademais, os romances *Faserland*, *1979*, *Eu estarei aqui no sol e na sombra* e *Imperium*, mas talvez até de toda a obra, têm como constantes o extremismo e o totalitarismo, entrelaçando, de forma recorrente, temas centrais e métodos: guerra e terrorismo, totalitarismos, utopias, simulação, impossibilidade de originalidade, imitação, pastiche e um sistema emaranhado de referências.

Em *Faserland*, o nojo é exemplificado nos excrementos, no vômito, nas secreções. No romance de estreia de Kracht, que abre o discurso literário em língua alemã para a *abject art*, denominada *Ekelkunst* (*arte do nojo*), Klaus Bartels (2011: 208-9) contou quinze passagens que tratam da eliminação de secreções corporais e fezes em seres humanos (e animais). Oito passagens falam de vômito, mas há também exemplos com referências a sangramentos, espirros, suor e urina. A descrição detalhada das idas ao banheiro, no início, foi interpretada como simples provocação ao leitor por parte do escritor, mas algum tempo depois da publicação do romance elas são entendidas também como ato político, com a intenção de ferir os tabus burgueses, como transgressão, como algo que se opõe ao que é considerado como gosto socialmente aceitável. O Terceiro Reich aparece de forma recorrente em *Faserland*, seja na preferência de Hermann Göring por Sylt (KRACHT 2013a: 17), passando pelas famosas *Neckarauen* de Heidelberg, que poderiam simbolizar a Alemanha, “se não tivesse havido guerra e os judeus não tivessem morrido nas câmaras de gás” (KRACHT 2013a: 85), ou, ainda, na passagem em que, no aeroporto, um suposto diretor de empresa é xingado como “nazista do SPD” (KRACHT 2013a: 53) pelo narrador.

No romance *1979*, o narrador em primeira pessoa, um jovem alemão, assumidamente homossexual, vai para Teerã, onde, naquele momento, a revolução islâmica está em seu momento decisivo. O protagonista não se interessa muito por política, mas possui, como decorador profissional (*Inneneinrichter*), muito prazer em admirar o interior das moradias da classe abastada da cidade, orientada esteticamente nos valores do Ocidente. Ele, tampouco, demonstra interesse ou o necessário distanciamento histórico para entender e perceber o que se

passa no Irã, uma situação de mudança crucial, em que um regime totalitário, o do xá, é substituído por outro, o do aiatolá Khomeini. Por outro lado, o romance faz um balanço do fracasso do *american way of life*, descrevendo uma festa, na qual, para garantir seu prazer de forma duradoura, os convidados recorrem às drogas e ao sexo incestuoso. “América”, no romance, passa a ser sinônimo do “grande satã”. (KRACHT 2012b: 98; 115).

O protagonista se afasta desse ambiente, indo até o Tibet, com o objetivo de dar a volta ao monte Kailasch, como uma espécie de penitência e de purgatório, para purificá-lo do capitalismo decadente e da cultura degenerada. Ao, finalmente, chegar ao destino, o narrador avista, na neve, “no flanco sul do monte, clara e indubitavelmente, uma suástica gigante, criada pela natureza de gelo e rocha” (KRACHT 2012b: 139-40) e acrescenta: “Tinha pelo menos um quilômetro de altura e outro tanto de largura” (KRACHT 2012b: 140). Dessa imagem, o protagonista precisa “desviar o olhar”, porque, simplesmente, não pode “olhar para essa grande suástica”. (KRACHT 2012b: 140).

No terceiro romance de Kracht, *Eu estarei aqui no sol e na sombra*, o narrador em primeira pessoa persegue, através de toda a Suíça coberta de gelo e neve, que há cem anos está em guerra contínua, o polonês Brazhinzky. O protagonista, um comissário preto, nascido e criado na Nyanaland, localizada no sudeste africano (Malawi), na ficção, uma colônia da SSR, passa por várias aventuras. Grande parte da ação é ambientada no chamado “Réduit”, “um sistema de túneis” (*Tunnelsystem*, KRACHT 2012c: 98) existente nos Alpes suíços, também fora da ficção literária. Na narrativa de Christian Kracht, de forma reiterada, se fala de novos foguetes de médio alcance, verdadeiras “armas milagrosas” (*Wunderwaffen*, KRACHT 2012c: 127), que finalmente deverão decidir a guerra (HERMES 2011: p. 199), e, igualmente, fala-se de uma civilização, na qual já “não havia livros”. (KRACHT 2012c: 121). O continente do início da história da humanidade não é apenas o recomeço, ao final de um século de guerras, mas também uma despedida espacial das ideias da Europa e o fim dos bens de sua civilização.

Imperium (2013b), lançado em fevereiro de 2012, é o romance mais polêmico de Kracht e teve grande repercussão na mídia. Nele, são relatados fatos intimamente ligados a acontecimentos históricos reais, do início do século XX, ligado a um projeto utópico, materializado no ideal de vida do personagem centrado no nudismo e no vegetarianismo. August Engelhardt (1875-1919), o protagonista, natural de Nürnberg, está cansado da sociedade na Alemanha e se despede da própria cultura que despreza, com a intenção de criar um reino vegano em uma ilha da Oceania, para, livre de todas as amarras civilizatórias, homenagear o coco. O autor modifica e distorce fatos contidos em fontes, tanto documentais quanto ficcionais,

para falar sobre o período colonial da Alemanha, como uma história imperialista encenada, pois o narrador possivelmente é também o personagem de um filme.

O artigo do crítico literário Georg Diez – *O método Kracht* (*Die Methode Kracht*, 2012) que foi publicado no encarte de literatura da revista *Der Spiegel*, teve uma repercussão como jamais uma única crítica literária havia tido. Georg Diez coloca expressões e comportamentos apresentados no romance na mesma linha de comportamentos e opiniões do autor, acusando-o de ter tido a ideia de escrever um romance sobre “Hitler, ‘o romântico e vegetariano’. Um Hitler sem suástica e sem holocausto”. Pela dificuldade de saber o que Kracht quer e de encaixá-lo em alguma categoria, Diez citou a obra de Kracht como um todo e, especialmente, a correspondência de Christian Kracht com David Woodard, publicada quase ao mesmo tempo. Realmente, algumas passagens da troca de e-mails soam inquietantes e obscuras. Apesar de, aparentemente, *Imperium* ser um leve romance de aventuras sobre o período colonial da Alemanha, o romance não está livre de ideologia. Certamente o império se refere ao nacional-socialismo, ao estado totalitário do *Terceiro Reich* e à ideologia totalitária. Para Diez (2012), não convém entender as inclinações de Kracht apenas como um jogo provocativo e analisar o autor e sua obra apenas sob a abordagem de sua produção literária, pois sua literatura não revelaria sua posição ideológica. Jan Süselbeck acredita que Georg Diez, apesar dos possíveis equívocos na sua análise de *Imperium*, teria o mérito de haver conscientizado o público leitor e trazido à discussão um lado obscuro de um autor cujos textos “de forma sedutora jogam com mensagens racistas”. (SÜSELBECK 2013: 89-90).

Christian Kracht, por vezes, se move de forma segura e autoconfiante, em outras, parece oscilar entre associações afoitas e provocativas, alimentando propositalmente a incerteza para fornecer uma imagem difusa de sua vida e de sua obra, dando, às entrevistas, um forte caráter de encenação. Nessa entrevista ao Programa Druckfrisch, da ARD, em 26 de março de 2012, questionado por Denis Scheck sobre o que o interessou na história do protagonista de *Imperium*, August Engelhardt, ele responde:

KRACHT: Na verdade, o panorama como um todo. Äh, äh, os Mares do Sul, a região do Pacífico e, naturalmente, também o mar e a areia.

SCHECK: Seu romance inicia em um navio, Prinz Waldemar, isso é proposital.

KRACHT: Sim, isso realmente é.

SCHECK: Havia praticamente quase tudo, o que o Senhor descreve aí.

KRACHT: Sim, quase tudo existiu, realmente, o Gouverneur Hahl, e todas as figuras que lá aparecem, existiram, sim. E na verdade é um grande jogo com as figuras que aparecem, que somem e retornam. [...]

SCHECK: O senhor coloca a figura de August Engelhardt com outro artista, que melhor teria ficado no seu cavalete, paralelo com Adolph Hitler.

KRACHT: Isso é verdade.

SCHECK: O que Engelhardt nos diz sobre a ideologia de Hitler?

KRACHT: Pouco, eu diria, eu acredito, que Engelhardt e também Hitler são filhos do panorama esotérico dessa época como um todo, e sim... [...] (DRUCKFRISCH 2012).

Como observamos até aqui, o objeto de referência das práticas de autoencenação de Christian Kracht e sua imagem junto ao público, decorrente da presença medial massiva, via de regra, não é apenas o texto literário, mas é acrescido de uma forma de representação e interpretação específica, orientada para o público. Dessa maneira, concluímos que Christian Kracht utiliza a ironia e sinais que geram a imagem do autor em um jogo de frases de efeito com objetivo direcionado, que, frequentemente, são desmentidos pelo próprio autor. À acusação de que as obras de Kracht sejam tão irresponsavelmente apolíticas, pode-se opor os contextos abordados acima, destacando o fato que temas tão controvertidos como a homossexualidade, o fascismo, o antissemitismo e o colonialismo per se são altamente políticos.

Referências bibliográficas

BARTELS, Klaus. Trockenlegung von Feuchtgebieten. Christian Krachts Dandy-Trilogie. In: GRABIENSKI, Olaf; HUBER, Till; THON, Jan-Noël. (Ed.). *Poetik der Oberfläche*. Die deutschsprachige Popliteratur der 1990er Jahre. Berlin, de Gruyter, 2011: 207-226.

DIEZ, Georg. Die Methode Kracht. Disponível em: <<http://www.Spiegel.de/spiegel/print/d-83977254.html>>. (Acesso em: 31/08/2013).

Druckfrisch. Março de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cjewDAQdoB0>>. (Acesso em: 25/02/2015).

HEGER, Christian. Tim, Struppi und die Barbourjacke. Über Christian Kracht und den postmodernen Ennui. In: _____. *Im Schattenreich der Fiktionen*. Studien zur phantastischen Motivgeschichte und zur unwirtschaftlichen (Medien?) Moderne. München, AVM Verlag, 2010: 164-178.

HERMES, Stefan. Tristesse globale. Intra- und interkulturelle Fremdheit in den Romanen Christian Krachts. In: GRABIENSKI, Olaf; HUBER, Till *et al.* (Ed.). *Poetik der Oberfläche*. Die deutschsprachige Popliteratur der 1990er Jahre. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2011, 187-205.

KRACHT, Christian. *1979*. Ein Roman. Frankfurt am Main, Fischer, 2012b.

_____. *Faserland*. Roman. München, dtv, 2013a.

_____. *Ich werde hier sein im Sonnenschein und im Schatten*. Roman. München, dtv, 2012c.

_____. *Imperium*. Frankfurt am Main, Fischer, 2013b.

KRACHT, Christian; WOODARD, David. *Five Years*. Briefwechsel 2004-2009. Vol. 1: 2004-2007. Ed. BIRGFELD, J. & CONTER, C. Hannover, Wehrhahn Verlag, 2011.

LETTOW, Fabian. Der postmoderne Dandy - die Figur Christian Kracht zwischen ästhetischer Selbststilisierung und aufklärerischem Sendungsbewusstsein. In: KÖHNEN, Ralph (Ed.). *Selbstpoetik 1800-2000*. Ich-Identitäten als literarisches Zeichenrecycling. Frankfurt a.Main, Peter Lang, 2001: 285-305.

LORENZ, Matthias N. "Schreiben ist dubioser als Schädel auskochen". Eine Berner Bibliografie zum Werk Christian Krachts. Em: LORENZ, Matthias N. (Ed.). *Christian Kracht*. Werkverzeichnis und kommentierte Bibliografie der Forschung. Bielefeld, Aisthesis Verlag, 2014: 7-18.

PHILIPPI, A.; SCHMIDT, R. *Wir tragen Größe 46*. Disponível em: <http://www.zeit.de/1999/37/199937.reden_stuckrad_k.xml/seite-5>. (Acesso em: 09/08/ 2016).

SÜSELBECK, Jan. Im Zeichen von Elisabeth Förster-Nietzsches Yerba-Mate-Tee. In: Winkels, Hubert (Ed.). *Christian Kracht trifft Wilhelm Raabe*: Die Diskussion um Imperium und der Wilhelm Raabe-Literaturpreis 2012. Frankfurt, Suhrkamp, 2013: 81-91.